

AS DOBRAS CONCEITUAIS CORPO, SABER, PODER, ESPERA E A CIDADE

Pasqualino Romano Magnavita

Resumo

Trata-se de um texto estritamente conceitual em que o conceito Dobra, desenvolvido pelo filósofo Gilles Deleuze, constitui um importante instrumento teórico (um virtual, incorpóreo) e foi atualizado discursivamente pelo autor deste texto, procurando relacioná-lo com o Planejamento Urbano. Dobras essas que se cruzam e se entrelaçam no Plano de Imanência filosófico onde o pensamento se orienta para pensar. Das quatro dobras, a do Corpo e seu relacionamento com a cidade é a que tem recebido mais atenção através da experimentação e de ensaios teóricos publicados, e isso, inspirados na indagação de Espinoza: “O que pode o corpo?” Admite-se que as quatro dobras constituem em conjunto um diagrama de ações, entretanto, essas dobras se manifestam de maneira diferente na modelagem dos corpos nas “Sociedades disciplinares” do capitalismo industrial (em declínio), da modulação permanente dos corpos nas “Sociedades de controle” do capitalismo informacional dos processos midiáticos. A tríade conceitual Saber- Poder – Subjetivação, caracteriza as práticas políticas, enquanto que a relação Saber-Poder constitui a esfera da macropolítica e os processos de subjetivação individual e coletiva caracterizam a micropolítica. As quatro dobras pressupõem em conjunto, uma “visão de mundo”, ou seja, uma atitude ética voltada para a emancipação criativa do controle social existente.

Palavras-chave: Dobra, Cidade, Planejamento Urbano, Criatividade, Emancipação..

1. Introdução

De natureza teórica, estritamente conceitual, portanto, de natureza filosófica, o texto visa relacionar o conceito Dobra proposto pelo filósofo Gilles Deleuze com a problemática dos processos urbanos, e isso, enquanto ferramenta teórica em sua atualização discursiva em estados de coisas, corpos e vividos, e aqui em relação ao Planejamento Urbano. Ao mesmo tempo, abordar a dimensão subjetiva individual e coletiva desses processos, no âmbito da tríade conceitual criada por Michel Foucault: Saber-Poder-Subjetivação. Portanto, trata-se de uma atualização discursiva do conceito Dobra em relação ao Planejamento Urbano, e isso, considerando os processos de subjetivação, tanto aqueles produzidos pelas “sociedades disciplinares” em declínio e ainda presentes, quanto os produzidos atualmente pelas “Sociedades de Controle”¹ sob a égide do capitalismo informacional do mundo globalizado.

¹ No Pós-escritum de Conversações Deleuze caracteriza e diferencia as “Sociedades disciplinares” das “Sociedades de controle” (2000, p 219).

O conceito Dobra em Deleuze, torna-se indissociável do conceito **Subjetivação**, enquanto processo pelo qual se produzem determinados territórios existenciais auto-referentes, e isso, tanto individualmente quanto coletivamente. Deleuze apresenta quatro (4) dobras: Corpo, Poder, Saber e Espera, pois, o conceito Dobra encontra-se desenvolvido basicamente em duas de suas obras: *Foucault* (1988) e *A Dobra - Leibniz e o Barroco* (1991).

Para Deleuze (1988) a Subjetivação constitui um modo intensivo de ser e não é propriamente com normalmente se pensa, um sujeito pessoal (um Eu), mas, um modo singular de dobramento, ou seja, um tipo de ser afetado ou afetar, e isso, frente a uma composição variável de forças (de ações sobre ações e que configuram composições diagramáticas de forças). Historicamente, em qualquer formação social, existiram diferentes modos de constituição da Subjetividade, e isso, enquanto relação de si para si, ou seja, uma relação de si consigo mesmo e para com os outros e com o mundo. A Subjetividade é produzida socialmente e, como veremos mais adiante, é o lugar da Criatividade.

Problematizando o tema, estabeleceu-se um entendimento e operacionalidade entre o conceito Dobra, enquanto processos de subjetivação, e os processos urbanos. Para tanto, torna-se imprescindível considerar, também, duas outras obras conceituais de Deleuze que se relacionam com o conceito Dobra: *Diferença e Repetição* (1988) e *Lógica do Sentido* (2006). A primeira empenhada em desconstruir o pensamento ontológico herdado da filosofia moderna; a segunda relacionada com a produção do sentido e que constitui um momento importante da crítica deleuzeana à filosofia da representação, pois, o sentido não cessa de produzir uma imagem do pensamento que leva a deslocar a identidade (o idêntico, o igual, o mesmo) do plano da representação para o plano problemático do Acontecimento (criação, do Devir outro da existência).

Nesse sentido, vale entender que se trata de uma função criativa e produtora de algo paradoxal, o “non-sens” e que possui caráter impessoal, pré-individual, uma singularidade, e isto, tanto em uma dimensão nômade, como anônima, portanto, inseparável de uma zona de indeterminação do pensamento que ocorre no Plano de Imanência filosófico com seus específicos conceitos e lógica.

O conceito Dobra para efeito deste texto, será abordado em dois momentos históricos: o das “Sociedades disciplinares” (Foucault, 1999) e das “Sociedades de controle” (Deleuze, 2000), ou seja, a formação disciplinar dos corpos em espaços confinados e o controle dos corpos em espaços abertos midiáticos. Embora não tenha ficado explícito nos textos de Foucault, a cidade como um todo não é propriamente considerado um espaço confinado, mas o são apenas os dispositivos (instituições) e suas edificações: a casa (família),

escola, fábrica, caserna, hospital, prisão entre outras, onde se modelam disciplinarmente os corpos visando torna-los dóceis.

Entretanto, considerando os “espaços estriados” enquanto “espaços sedentários”² existentes nas configurações físicas das cartografias urbanas, poderiam eles constituir um espaço exterior geral, entretanto, supostamente confinado, pois, se a questão é de controle e conduta, vigiar os corpos circulando pela cidade em espaços urbanos (avenidas, ruas, praças, jardins entre outros), embora considerados espaços livres, constata-se a presença de um sistema difuso de policiamento e do uso de novas tecnologias virtuais (panóptico/digital e dispositivos de rastreamento entre outros), os quais demarcam o controle dos corpos que transitam pela cidade.

Entretanto, uma vez superada essa dicotomia entre espaços confinados e espaços abertos, vale introduzir um outro conceito e, ao mesmo tempo, uma pergunta: não seria a cidade uma Totalidade fragmentária?³ No sentido de uma dinâmica processual de multiplicidade e heterogeneidade de elementos em permanente estado de conexão, promovendo sobreposições, zonas de vizinhança e de exclusão, temporalidades diferentes (antigo e novo), misturas, hibridações, emergência de novos elementos e desaparecimento de outros, e isso, através de imprevisíveis acontecimentos, delineando, assim, um devir outro da cidade, frente aos recentes dispositivos midiáticos da informação e comunicação (espaços de fluxos em espaços de lugares).

Totalidade fragmentária esta que, direta ou indiretamente constitui um agenciamento que afeta direta ou indiretamente a formação e controle generalizado sobre os corpos dos cidadãos, e isso, frente a conflitos, insegurança e medo, gerados, principalmente, pela exponencial desigualdade social. Lembrando que, embora enfraquecidos, os dispositivos das sociedades disciplinares permanecem frente à presença dominante e bem mais flexível dos dispositivos midiáticos das sociedades de controle do Capitalismo Mundial Integrado - CMI. Pois, nesta formação social, os corpos não são apenas modelados, mas modulados permanentemente e invisivelmente ligados a uma “coleira eletrônica” que os arrasta para o exponencial consumismo generalizado e a espetacularização da vida sob a égide do marketing que constitui o seu objetivo e a sua meta primordial.

Basicamente, a ideia consiste em considerar na cidade contemporânea não apenas os “espaços de fluxos” (espaços abertos) dos processos midiáticos, mas também, a trama física sedentária urbana, enquanto “espaços de lugares” estriados e sedentários, e isso,

² Conceitos esses encontrados no quinto volume de Deleuze/Guattari, “Mil platôs, Capitalismo e esquizofrenia” (1996).

³ Conceito deleuzeano também conhecido por Totalidade segmentária

enquanto espaços de controle, supostamente confinados pela multiplicidade e heterogeneidade de dispositivos, mais flexíveis e que, entretanto, continuam modelando e modulando os corpos em suas práticas urbanas em relação às normas de regulamentação dos espaços urbanos existentes (leis), enquanto espaços igualmente vigiados e controlados. Justamente por isso, recentemente, vêm surgindo estudos teóricos e diferentes experiências empíricas evidenciando e explorando novas possibilidades de atuação dos corpos no âmbito da cidade a exemplo de eventos como Corpocidade.⁴

2. A Dobra Corpo.

Dobrar o Corpo nas Sociedades Disciplinares (hoje em declínio) estudadas por Foucault se caracteriza pelo uso de uma tecnologia disciplinar com base naquilo que se diz e se faz, e isso, enquanto “palavra de ordem” permeada da visibilidade permanente em diferentes espaços confinados (casa, escola, fábrica, etc.), vinculados a um lugar específico e nele imprimindo ao Tempo, uma cadência ritmada, na programação dos gestos, atitudes, comportamentos, retirando, assim, todos os traços da vontade do corpo, pois, são elas, as palavras de ordem, que configuram a sua modelagem, expressando o exercício de micropoderes, tornando-o um corpo dócil, ao tempo em que, compõe no espaço-tempo, uma força produtiva a serviço do capital. Dobrar o corpo nas atuais Sociedades de controle com o uso de tecnologias avançadas dos processos midiáticos torna o controle sobre os corpos mais flexível e sedutor, conseguindo seu maior e melhor desempenho em programar, seduzir e induzir as individualidades formatadas dos cidadãos ao clamor do marketing.

Justamente para compreender e neutralizar esse controle exacerbado sobre os corpos é que vem emergindo um conjunto de estudos teóricos e experiências empíricas, bem como cartografias urbanas e questionamentos que não apenas criticam, mas, evidenciando novas práticas urbanas codificadas e revelam novos comportamentos e atitudes dos corpos que visam emancipá-los criativamente do assujeitamento existente, a exemplo dos eventos Corpo cidade antes referidos.

Torna-se oportuno salientar a diferença entre macropolítica e micropolítica, pois, não se trata de uma relação dimensional, uma simples miniaturização em escala. Enquanto a macropolítica relaciona-se com ações sobre ações (forças que agenciam saberes no mundo da representação, ou seja, na exterioridade de suas manifestações), a micropolítica considera as ações, forças internas, da relação de si para consigo mesmo e com os outros e o mundo,

⁴ Desde 2009 foram realizados três eventos: Corpocidade1 com publicação em 2010. Corpocidade 2 realizado no Rio de Janeiro no Bairro da Maré e na semana subsequente em Salvador no bairro de Alagados, com a publicação Redobra n° 09 em 2012. Corpocidade 3 em Salvador com publicação Redobra n° 10 (2012).

portanto, de natureza diferente da macropolítica. Todavia elas coexistem, entretanto não se identificam, mas apenas se correspondem, pois, enquanto a macropolítica se exerce no âmbito da relação Saber-Poder no mundo da representação (de ações sobre ações), a micropolítica se exerce nos processos de subjetivação individual ou coletiva.

Justamente nos espaços confinados e hoje, mais ainda, nos espaços abertos, forja-se a noção de indivíduo, o qual é tanto modelado (sociedades disciplinares) quanto modulado permanentemente (sociedades de controle). Trata-se de diferentes tecnologias de poder que faz dos indivíduos, ao mesmo tempo, objeto e instrumento de seu exercício, vinculando cada indivíduo a uma identidade determinada e criando, assim, uma subjetividade privatizada, individualizada e estimulando o “Eu” a uma acirrada competição seletiva a serviço do capital.

Vale entender que, tanto a modelagem disciplinar, como a modulação permanentemente controlando os indivíduos, torna-se um elemento indispensável para garantir a eficácia e consolidação do modo de produção capitalista e reduzir o perigo de instabilidade causada por mistura de corpos, e isso, tanto nos espaços confinados das Sociedades Disciplinares, quanto nos espaços abertos midiáticos das Sociedades de Controle que afetam multidões urbanas no mundo globalizado. Entretanto, o exercício do poder se organiza em torno de um modelo de equivalência geral, a qual, simultaneamente, produz a segmentação e ao mesmo tempo a homogeneização dos diferentes universos de valor. Portanto, o controle dos corpos assujeitados, na relação espaço-tempo do real e do possível, do mundo da representação, constitui a “dimensão material”. É a primeira das dobras aqui a ser abordada, a Dobra Corpo.

Entretanto, para atingir sua plena eficácia, o exercício de poder das referidas sociedades (disciplinar e de controle), deve-se apoderar, também, da “dimensão imaterial”, a qual se caracteriza pela constituição de um novo tipo de relação de si para consigo mesmo, não apenas da relação Saber/Poder da macropolítica do mundo da representação do Real e do Possível, mas, do processo de subjetivação, das forças internas, de afetar a si mesmo, forjando, assim, a ideia de uma individualidade autoreferente do EU. Pois, o equívoco generalizado é a expressão da subjetivação capitalista e se caracteriza por um duplo movimento, ou seja, uma desterritorialização, anulando valores tradicionais e uma reterritorialização marcando a recomposição dos valores destruídos em cima de modelos funcionalmente similares, ou seja, a Repetição na Diferença. O Eu se repete diferenciando-se, mas, permanecendo o Eu em sua forma cada vez mais exacerbada de ter e não de ser.

Para tanto, estabelece-se um pólo de referência automatizado de diferentes relações econômicas, a exemplo do Verdadeiro e suas lógicas; do Bem enquanto moral codificada; da Lei do espaço público (aceleradamente privatizado); da percepção estética; enfim, da razão, entendimento e vontade afetiva. A homogeneização de todos os valores tem como fundamento um equivalente geral, o Capital (o marketing). Como veremos, mais adiante, a dobra do poder deste sistema (a segunda dobra), coloca no sentido semiótico, tudo num mesmo plano geral de equivalência elementos totalmente heterogêneos.

Voltando à Dobra Corpo, pressupõe-se que a construção Cidade, implica a indagação levantada por de Espinoza no século XVII: “o que pode o corpo”? Pergunta esta que implica, por sua vez, em outras perguntas correlatas: o que pode o corpo dobrar? Pensar o impensado? O que pode o corpo criar? Acontecimentos? E essas indagações, hoje, frente ao novo campo mais intensivo do marketing, promovendo a maior virtualização, flexibilização e, até mesmo, a volatilização do poder do capital em escala mundial, emerge a pergunta: o que podem os corpos antes modelados e agora as sujeitados às modulações contínuas do culto exacerbado dos próprios corpos e adequados ao imperativo do exponencial consumismo? Como dobrar os corpos emancipando-os do atual controle existente?

Vale salientar que a Cidade constitui uma estratificação histórica de saberes e, portanto, ela pressupõe diferentes territorialidades, sejam elas promovidas tanto pelos agenciamentos coletivos de enunciação (regimes de signos, individualizações sem sujeito, um “diz-se”, impessoal), bem como, em presença de agenciamentos maquínicos (faz-se, enquanto ações, paixões). Historicamente, os processos urbanos que configuram cidades, evidenciam multiplicidade e heterogeneidade de acontecimento, rupturas a-significantes (descontinuidades), evoluções a-paralelas (não lineares), espaços lisos, sistemas e redes abertas e que, simultaneamente, coexistem com espaços estriados, sedentários, decalques, sistemas fechados. Nesse sentido, a cidade pode ser considerada um processo de variação contínua de multiplicidade e heterogeneidade de dobras, desdobras e redobras, e isso, com e através de corpos sempre em processos de mudanças, sendo constantemente recriados. Então, o que pode o corpo? Criar cidades, redes abertas de cidades? Cidades ainda invisíveis e por vir?

A Mídia e seu poder vêm modulando continuamente o padrão do corpo, definindo o que devemos comer vestir e como morar, circula na cidade, trabalhar, amar, cuidar do corpo, enfim, como viver. Todavia, sempre estabelecendo limitações e propondo novos padrões, e isso, através de novos gestos, comportamentos, ações, ou seja, “mapas mentais” a serem percorridos para suprir carências e desejar um corpo ideal promovendo,

assim, a ilusão de uma eterna juventude. Simultaneamente, assistimos ao lado desse excessivo culto dos corpos, a dissolução dos mesmos e ausência de vestígios deles, e isso, quando conectados no espaço virtual (Ciberespaço) das redes sociais e onde os elementos que dão certa presença aos corpos (idade, imagem, sexo), tornam-se puros efeitos dos textosos corpos se tornam imateriais.

Vale salientar que a dobra corpo, tratando-se de organismo, concerne à parte material de nós mesmos e constitui a mais complexa das estratificações, enquanto agenciamento territorial específico (sob a égide do cérebro) e via de regra, oferece bastante resistência aos processos de desterritorialização. Justamente por isso, que Deleuze/Guattari recomendam: “construa o seu Corpo sem Órgãos”, no sentido da construção de um corpo desejante, e isso, não para suprir as carências materiais existentes, mas, no sentido de criar algo que emancipe o corpo de controles e de assujeitamentos das matérias formadas existentes, ou seja, um corpo desejante constituído de matéria não formada, a guisa de uma “máquina abstrata”, incorporal.

A emergência do conceito **Bi política** na obra de Foucault estudando as sociedades disciplinares refere-se ao poder sobre a vida e, especificamente, o poder sobre os corpos. A questão que se delineia, hoje, não é mais o **poder sobre** os corpos, mas, o **poder dos corpos**, e isso, enquanto Potência dos corpos. Sendo assim, respondendo a indagação de Espinoza: “o que pode o Corpo?” A resposta então, seria: dobrar o corpo construindo um “corpo sem órgãos”, um corpo desejante, criativo, revelando a potência, o poder do Corpo? E como ocorreria isto em relação à cidade? Eis a questão enquanto problema à espera de sua solução.

Trata-se de uma resposta complexa, hoje, indiscernível e igualmente indizível, pois, pensar em eliminar os dispositivos de controle existentes, criando algo de novo evocando a emancipação do corpo, pode parecer uma mera utopia. Que seja! Pois, o pensamento utópico é, também, o impensado, o “fora”, como um horizonte que se vislumbra e que quanto mais nos aproximamos dele mais ele se afasta, a guisa de uma utopia sempre necessária e faz parte de qualquer processo criativo, e isso, talvez no sentido de “um povo por vir”. Pressupõe-se, então, que as dobras moleculares da micropolítica da subjetividade dos corpos, emancipem multidões de corpos de cidadãos, e isso, enquanto uma Totalidade fragmentária informal, descentrada, centrífuga, nômade e anônima de multiplicidade e heterogeneidade de corpos.

Abordando a questão da relação do cidadão consigo mesmo, torna-se importante considerar o par conceitual Diferença e Repetição ⁵, pois as coisas se repetem diferenciando-se. Neste sentido, os seres humanos possuem um denominador comum, ou seja, somos todos diferentes e, ao mesmo tempo, somos todos diferentemente criativos, pois, a criatividade é inerente à própria condição humana. Entretanto, tal fato ocorre justamente nos processos de subjetivação, pois o lugar da criatividade ocorre nesses processos. Contudo, essa criação pode acontecer, seja repetindo algo já criado, entretanto, com diferença de nível e/ou grau (recriações, interpretações), ou então, ocorrendo com maior raridade, a criação de algo que expresse uma Diferença de Natureza, ou seja, a experiência do impensado, do “fora”, a emergência de um Acontecimento, uma singularidade, um Devir-outro da Existência. Pois, o lugar da Criatividade, como se afirmou antes, ocorre nos processos de Subjetivação, entretanto, a questão não é apenas a de ser criativo, mas, para quem essa criatividade se destina.

Quando se fala de criatividade, criação, criar, tal fato torna-se tão presente e recorrente hoje nas práticas discursivas, todavia, sempre emerge o “vício” dialético de considerar qualquer questão como “coisa em si”, restando sempre à pergunta: o que é criatividade, o que significa? Pois, nessa forma de pensar, a cada significante deve corresponder um significado. Entretanto, Foucault, em “As palavras e as coisas”, desconstrói esse determinismo conceitual. Pois, na forma de pensar binária sempre fica a indagação: o que é criatividade? Considerando a obra “O que é a Filosofia?” (DELEUZE/GUATTARI, 2000), nela os autores afirmam que não existem conceitos isolados, cada conceito convive com outros conceitos no mesmo Plano de Imanência adotado.

Nesse sentido, o conceito Criatividade, enquanto uma variação do conceito criação, do verbo criar (ação, agenciamento), pressupõe outros conceitos que o acompanham no mesmo Plano de Imanência e onde o pensamento se orienta para pensar, a exemplo dos seguintes conceitos: Descontinuidade (ruptura a-significante), Evolução. a-paralela (não linear), Acontecimento (emergência de algo novo, uma singularidade), Heccidade (individuação sem sujeito), um Devir outro da existência. Pois, criar é uma condição da Existência, enquanto variação contínua, sem princípio nem fim, portanto, condição dos seres humanos que se encontram no Meio, no Entre, no “Intermezzo” dessa variação contínua, efetuando multiplicidade e heterogeneidade de imprevisíveis conexões e justamente, é onde ocorre a criatividade. Pois, trata-se de processo indissociável da própria condição da

4 Tese de Gilles Deleuze publicada na França em 1968 e no Brasil duas décadas depois (1988) e reeditada em 2006. Trata-se de obra seminal para a história da filosofia e não por acaso, o próprio Foucault teria dito que o pensamento filosófico do século XX seria deleuzeano.

existência, inclusive entre outras criações, a de criar condições de emancipação do controle social existente.

Do ponto de vista dos corpos que habitam cidades, sabemos da multiplicidade e heterogeneidade de necessidades que expressam os diferentes sentidos sob a égide do corpo-cérebro, ou seja: olhar, ouvir, cheirar, degustar e as sensações epidérmicas, sentidos que condicionam as práticas urbanas no mundo da representação do Real e do Possível. Vale antecipar, como veremos a seguir, que as quatro dobras temáticas, se cruzam e se entrelaçam, e fazem da forma de pensar a cidade uma heterogênese, pois, elas coexistem e gravitam no campo do poder, ou seja, de ações sobre ações, no sentido de afetar e ser afetado. Contudo como se disse antes, trata-se de diferentes tecnologias do poder (diagramas e estratégias) que fazem dos indivíduos ao mesmo tempo, objeto e instrumento do seu exercício, tornando-os seres privatizados a serviço do capital orientados para o exponencial consumismo e, simultaneamente seduzidos pela exuberante espetacularização da vida.

Com base na elaboração de cartografias urbanas e em informações diversas, torna-se possível caracterizar e distinguir diferentes dispositivos, equipamentos e configurações topográficas, bem como, diferentes materialidades que afetam os corpos, e isso, independente de eventuais ocorrências naturais (deslocamentos de terra, enchentes, terremotos, ciclones, entre outras manifestações na espessura da terra, ou seja, nos estratos físico-químicos). Igualmente, manifestações diversas ocorrem nos estratos orgânicos (endemias, viroses) que afetam os corpos. Entretanto, para o escopo deste texto, são os estratos antropomórfico (culturais) onde os territórios existenciais individuais e coletivos são afetados frente à relação Saber-Pode existente e que se manifesta de maneira específica em diferentes cidades do mundo globalizado, todavia, sob a constante universal do marketing, onde tudo se torna mercadoria.

Nesse sentido, volta à questão, indagando: o que o corpo pode, frente a essas ocorrências? Criar dispositivos de segurança para resolver essas afetações externa? No escopo deste texto, espera-se desenvolver uma “visão de mundo”, e isso, enquanto uma atitude política voltada para a emancipação social do controle existente das corporações que configuram as “Sociedades de controle”, ou seja, o Corpo em sua dimensão ética, na adoção do novo paradigma ético-estético. Pois, a dobra do corpo em seu desdobramento deve expressar uma atitude política permanente, uma ética de emancipação social. Emancipação criativa!

3. A Dobra Poder

O Poder consiste em promover de forma permanente, ações sobre ações, ou seja, capacidade de afetar e ser afetado. Funciona a exemplo de um campo difuso onde gravitam forças (intensidades, fluxos, vetores), pura matéria não formada, não estratificada. O poder, enquanto ação abstrata, invisível, não vê e não fala, entretanto, faz ver e falar através das manifestações exteriores dos saberes. Todas as relações humanas evidenciam relações de poderes, e isso, enquanto composições diagramáticas de intensidade, estratégias e táticas de ações. Resumindo pode-se afirmar que o poder é um exercício e o saber um regulamento (Deleuze, 1988).

Os saberes constitui o pensamento estratificado, mas o Poder é o pensamento do lado de fora (o impensado), o não estratificado. O poder de ser afetado pode ser considerado uma “matéria” da força, e o poder de afetar uma “função” da força, o seu exercício. O Poder mobiliza matérias e funções não estratificadas, ele é diagramático, ele não passa por formas, mas por pontos, pontos singulares que marcam, a cada vez, a aplicação de uma força, a ação ou reação de uma força em relação às outras, e isso, enquanto afeto e constitui um diagrama de forças. Este expõe um conjunto de relações de forças, não é um lugar, mas, um "não lugar", é o lugar apenas para as mutações, transformações, variações contínuas da Existência.

O poder não fala e não vê, mas faz ver e falar. Há um devir das forças que não se confunde com a história das formas já que opera em outra dimensão. Trata-se de um lado de fora mais longínquo que todo o mundo exterior, de toda forma de exterioridade, entretanto, infinitamente mais próximo. As reações de forças, móveis, evanescentes não estão do lado de fora dos estratos, mas são “o seu lado de fora” (o que explica a indissociabilidade do Saber-Poder, entretanto, eles não se identificam). Pensar é chegar ao não-estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar, pois pensar é emitir um lance de dados. O lado de fora é sempre abertura para um devir (acontecimento, ruptura a-significante, criação daquilo que ainda não foi pensado), pois, o poder ao tomar como objetivo a vida, revela uma vida, suscita uma vida que resiste ao poder, pois a força do lado de fora não para de subverter e derrubar diagramas constituídos.

Essa questão do Fora e do Dentro, tema do duplo caracterizou uma das preocupações de Foucault, pois segundo Deleuze, “(...) o duplo nunca é uma projeção do interior, é ao contrário, uma interiorização do lado de fora. Não é um desdobramento do Um, é a reduplicação do Outro. Não é uma reprodução do Mesmo, é um repetição do Diferente Não é a emancipação de um Eu, é a instauração da imanência de um sempre-outro ou um Não-eu” (Deleuze, 1986, p 105). Uma espécie de invaginação de um tecido na

embriologia, ou a confecção de um forro na costura, no sentido de torcer, dobrar, mostrando que o lado de dentro é a dobra de um lado de fora pressuposto.

Nesse sentido, a relação Saber-Poder, constitui o lado de fora que afeta o lado de “Dentro”, todavia não o determina, pois o lado de “Dentro” é a relação de si para consigo mesmo, ou seja, a subjetivação enquanto processo de construção da subjetividade. Nesse caso, há uma interiorização do lado de fora, todavia, não determinante. O lado de dentro é a dobra de um lado de fora, entretanto a relação consigo, é um poder de diferente natureza que se exerce sobre si mesmo dentro do poder que se exerce sobre os outros (quem poderia pretender governar os outros se não se governa a si próprio?). Pois, há sempre uma relação que resiste aos códigos (saberes codificados e aos poderes dominantes) na relação consigo, e isso, enquanto resistência (melhor usar o termo emancipação ao de resistência que implica o conceito Reação rebatendo uma Ação, enquanto que o conceito emancipação pode ser entendido com livrar-se de algo e, para tanto, é preciso criar algo de novo).

Contudo, a fórmula mais geral da relação consigo é o afeto de si para consigo, e isso ocorre segundo uma regra singular da relação de forças dobradas que se tornam uma relação consigo e com os outros, ou seja, a emergência de uma micropolítica de subjetivação. Parafraseando Espinoza, poderíamos indagar: o que o Poder pode? Trata-se de uma aparente e inevitável tautologia, embora implique as seguintes indagações: o que é o Poder? Donde vem e com se exerce. Segundo Foucault ele aparece como afeto, e isso, no sentido de incitar, suscitar, produzir, constituindo afetos ativos (ações). Que podem ser afetos de consenso ou de dissenso em relação ao controle social existente.

Embora concebido como uma rede difusa de micropoderes, a emergência do conceito Biopoder segundo Foucault, enquanto poder sobre a vida, ou seja, o seu controle, esta questão vem sendo conduzida, hoje, de maneira diferente enquanto o poder da vida, potência de emancipação da própria vida dos controles que a condicionam. E isso, implica também uma “visão de mundo”, enquanto atitude político em sua dimensão ética.

Analisando diferentes cartografias urbanas, torna-se visível constatar áreas e edificações que se caracterizam pela densidade de suas funções e exercício de diferentes poderes, e isso, tanto os poderes relacionados com bens materiais, bem como, àqueles de natureza imaterial e simbólica. Contatam-se esse exercício, tanto nas áreas estritamente relacionadas com atividades de diferente natureza, por exemplo, econômicas, administrativas sociais, política, culturais e religiosas, quanto nas necessidades e serviços dos cidadãos que expressam relações de poderes que se configuram em desigualdades, e isso, tanto na distribuição da infra-estrutura e serviços urbanos: água, energia, esgoto, tele-

comunicações, coleta de lixo, entre outras, bem como, desigualdade no acesso aos sistemas de transporte, habitação, saúde, educação, condições de trabalho, e isso, particularmente em cidades como as nossas, carentes dessas plenas necessidades, frente aos níveis de exclusão e do desemprego generalizado sob a égide do capitalismo mundial integrado. Enfim, a Dobra do Poder, também, como a Dobra do corpo, exige um desdobramento no sentido de uma atitude ética, ou seja, fomentar a emancipação criativa dessa desigualdade exponencial existente nas cidades, particularmente num imenso país como o nosso.

4. A Dobra do Saber

A Dobra do Saber se relaciona com a Verdade e pressupõe o pensamento instaurado em um regime de verdade. Entretanto Foucault adverte que os saberes em geral enquanto conhecimentos se distinguem dos saberes científicos que exigem condições específicas de comprovação de verdades e criações de novas funções (funcivos) num Plano de Referência, relacionando e atualizando discursivamente variáveis conceituais, proposições e lógicas.

Por exemplo, Arquitetura e Urbanismo, enquanto formas de pensar e criar pressupõem conhecimentos (saberes, enquanto estratificações históricas em movimento), entretanto, não se situa no universo da ciência, mas da arte, ou seja, no universo fenomenológico da lógica do sentido, das sensações. A arte assim como a filosofia, são formas de pensar e criar, todavia, elas não são discursivas, apenas a ciência o é. A filosofia com seus conceitos e a ciência com suas funções, entram nas composições artísticas, todavia, não as determinam, pois, a arte tem sua especificidade. Não existe uma arquitetura e um urbanismo científicos, mas, pressupostos científicos, enunciados, variáveis e funções que entram nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, todavia, eles não determinam as suas expressões estéticas no âmbito da lógica do sentido.

Ao longo da história urbana (espaço-tempo), diferentes conexões de saberes ocorreram na criação e estratificação de cidades, sejam eles relacionados com sedimentações, acumulações na espessura da terra (estratos físico-químicos); ou estratos relacionados com a vida orgânica e sua gênese (biologia); ou ainda, com os estratos antropomórficos, (culturais) de grande mobilidade e que se configuram pela exterioridade de suas manifestações, ou seja, o que se diz sobre as cidades (agenciamentos coletivos de enunciação) ou o que se faz nelas (agenciamentos maquínicos).

Uma vez superada a forma de pensar e criar cidades através do Planejamento Integrado enquanto sistema fechado auto-alimentado enquanto herança moderna do

pensamento estruturalista emergiu na contemporaneidade o Planejamento Estratégico. Embora ambos os planejamentos expressem uma dinâmica realidade mercadológica, (a cidade enquanto mercadoria), entretanto, há uma diferença marcante entre eles. No Planejamento Integrado, a cidade e suas diferentes especulações urbanas (imobiliária, infraestrutura, transporte, telecomunicações, entre outras), possuem ainda um caráter intrínseco em sua auto-realização e determinação conceitual e isso, enquanto Unidade e Totalidade de seus componentes e serviços, e isso, sob a égide de um suposto atendimento às necessidades de interesse social em sua criticada e irrealizável dimensão Utópica. No Planejamento Estratégico, a cidade continua sendo uma específica mercadoria (bem mais flexível e sofisticada), entretanto, agora inserida em uma rede globalizada de cidades do Capitalismo Mundial Integrado-CMI, ela assume diferentes conceitos e atualizações discursivas.

Trata-se de criar uma “Cidade-Marca” (City-Brand), destinada a um mercado exterior competitivo a guisa de uma cidade sedutora de fomento, particularmente em relação à indústria turística (a segundo no ranking mundial depois da indústria de armamentos) e a busca de investimentos externos. Justamente, esse planejamento e seus pressupostos conceituais, constituem, hoje, o agenciamento coletivo de enunciação e o agenciamento maquínico, ou seja, o que se vem dizendo e o que se vem fazendo em cidades, num panorama de acirrada competição entre cidades. E isso, promovendo a gentrificação das cidades, adiando, para não dizer excluindo, as questões e problemas relacionados com as populações marginalizadas.

Parafraseando, mais uma vez, a indagação de Espinoza: o que pode o Saber? Ou seja, que poder tem o saber? Que potência de emancipação social? Trata-se de uma questão de extrema importância. Vale lembrar, não apenas a indissociabilidade do Saber do Poder, mas, a ocultação, ou seja, a invisibilidade do poder que perpassa as teorias e práticas acadêmicas nas disciplinas correlatas e que tratam do planejamento de cidades.

Nas instituições de ensino, via de regra, apenas o saber (enquanto máquina abstrata, binária e axiomática) é apreendida, caracterizando a competência a ser destinada ao mercado, no âmbito de uma pressuposta e enganosa neutralidade. . Considerando a indissociabilidade do Saber-Poder, a Dobra Saber apenas se diferencia da Dobra Poder, pela exterioridade de suas manifestações: enunciação e visibilidade, entretanto em sua indissociabilidade do poder, a Dobra Saber, tem a mesma dimensão ética, ou seja, o Saber como promotor de emancipação do controle, criando novos saberes, acontecimentos, devires outros.

Frente a essa estratificação flexível em rede mundial, da teórica e prática do atual planejamento estratégico, resta a questão: que nova política de subjetivação deve ser dobrada? Neste sentido, vale lembrar o conceito “Maquina de guerra” conceito proposto por Deleuze/Guattari, enquanto diferente composição de forças, (diagramas, estratégicas e táticas), a qual, não tem a guerra (confronto, oposição) como objetivo, mas, se caracteriza por não se deixar sobrecodificar (recalcar) pelo aparelho de Estado, procurando performaticamente criar um emergente saber emancipativo do controle do saber dominante existente, revigorado o plano de imanência e seus conceitos, onde o pensamento se orienta para pensar e criar.

5. Dobra da Espera

A quarta Dobra pressupõe as demais dobras e tem sido atualizada discursivamente através da idéia de “crise permanente”, a exemplo de armadilha no regime de signos do mundo da representação, pois, a crise tornou-se uma condição imanente da produção da atual formação das “Sociedades de controle”. Sendo assim, o que os cidadãos em crise, muitos no limiar da depressão, da angústia, esperam de diversos modos: a morte, a imortalidade, a salvação, a liberdade, o desprendimento, ou então, os mais conformados e inseridos no atual sistema de controle, esperam a saúde do corpo e de sua apresentação estética (beleza), a riqueza, entre outros indicadores da vida, enquanto interioridades de espera.

Analisando uma cartografia urbana qualquer, torna-se visível o conjunto de edificações que pressupõem e anunciam concretamente essas esperas: cemitérios e crematórios (a morte); monumentos e museus (imortalidade); diferentes templos e espaços religiosos (salvação, vida eterna); equipamentos de saúde (hospitais, clínicas, laboratórios); espaços destinados aos cuidados e a beleza dos corpos (centros de cirurgias plásticas, academias, distribuição em rede de produtos cosméticos, postos de produtos dietéticos, locais da moda e de adornos); espera-se a riqueza acreditando na “sorte” no jogo (rede de lotéricas, bingos, jogos ilegais), ou eventualmente, ser contemplado por um sorteio, um concurso, ou por um herança patrimonial. Em fim a grande maioria espera as ilusões que o mundo da representação proporciona, enquanto que uma minoria (incluindo o autor deste texto) espera que as micro ações efetuadas por ela (enquanto revoluções moleculares do desejo), contribuam para a emancipação criativa do controle social existente.

Considerações Transitórias

A importância do conceito Dobra, nos obriga a pensar de uma diferente maneira, visando criar algo que leve à emancipação de um mundo de controle e que se pressupõe evidente, consensual e previsível. Não se trata apenas de oferecer resistência (reação) às ações que nos afetam pela presença de assujeitamento dos cidadãos ao Capital Mundial Integrado. Pois o conceito resistência que vem da mecânica clássica, deveria, em seu melhor entendimento, vincular-se a outro conceito, Criatividade, ou melhor, dizendo, sua expressão mais adequada seria resistência criativa, melhor ainda, emancipação criativa.

O conceito Dobra aqui discursivamente tratado, procurou dar visibilidade às diferentes tipos de dobras, e isso, enquanto atualização da relação consigo (de si para si e com os outros), no universo da micropolítica, mostrando as contingências e as singularidades que marcam tanto a produção da subjetividade, enquanto construção, quanto os modos como ela pode se efetuar pensando a cidade e seu planejamento. Sendo assim, torna-se possível percorrer esse instrumento conceitual aplicando-o na intensiva experiência subjetiva contemporânea, colocando em questão as “sociedades de controle”, entretanto, vislumbrando, novas possibilidades emancipativas desta produção subjetiva.

Do ponto de vista acadêmico, adotar metodologicamente as quatro dobras para atualizá-las discursivamente, tal fato, deve se entendido no sentido de revelar a potencialidade de cada dobra e caracterizar o que elas podem. Pois, o Poder encontra presente, indissociável e difuso em cada uma delas ao seja, o que podem elas? Seja lidando com o Corpo e dando-lhe uma nova dimensão aos sentidos que ele comporta enquanto evidência material. Ou então, lidando com o Saber enquanto evidência formal do que se diz e do que se faz e isso, da presença indissociável e invisível das relações de poder, enquanto causa eficiente. Ou ainda, lidando com o que se espera da vida e se deseja desdobrar, isso é, criar algo que visa superar o atual momento de controle geral do mundo globalizado.

Enfim, trata-se da condição da existência que consiste em dobrar as nossas experiências, redobra-las, e nesse dobramento evidenciar algo de novo que auxilia a desejada emancipação social do controle existente favorecendo, assim, a construção de um novo modo de vida. Portanto, dobremos os nossos corpos, saberes e poderes, visando estabelecer uma micropolítica de subjetivação, enquanto criação de um corpo sem órgão desejante, um “corpo vibrátil” favorecendo um novo modo da existência.

Referências

DELEUZE, G., 2000, Conversações, Rio de Janeiro, 34.

DELEUZE, G., 1988, Diferença e Repetição, Rio de Janeiro, Graal.

- DELEUZE, G., Guattari, F., 2000, O que é a Filosofia. Rio de Janeiro, 34.
- DELEUZE, G., Guattari, F., 1997/1999, Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, RJ, 34.
- DELEUZE, G., Parnet, C, 1998, Diálogos, São Paulo, Escuta.
- FOUCAULT, M., 1981, As Palavras e as Coisas, São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, M., 1999, Vigiar e Punir, Petrópolis/RJ, Vozes.
- FOUCAULT, M., 1984, Histoire de la sexualité, Paris, Gallimard.
- GUATTARI, F., 1993, Caosmose, um novo paradigma estético, RJ, 34.
- GUATTARI, F., Rolnik, S., 2005, Micropolítica- Cartografia do desejo, Petrópoli/ RJ, Vozes.
- GUATTARI, F., 1988, O inconsciente maquínico, ensaios de esquizoanálise, Campinas, SP, Papyrus
- HARDT, M., NEGRI, A., 2005, Multidão, Guerra e Democracia na era do Império, SP, Record..
- PELBART, P., P., 2003, Vida Capital, Ensaios de Biopolítica, São Paulo. Iluminura.